

LUTO INFANTIL: A VIVÊNCIA DIANTE DA PERDA DE UM DOS PAIS

CHILDREN'S GRIEF: EXPERIENCING THE LOSS OF A PARENT

JOSILAINE COSTA LEANDRO¹, PATRÍCIA MARIA LIMA DE FREITAS^{2*}

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá-Uningá; 2. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Docente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá.

* Rua Novo Horizonte, 529, centro, Paranapoema, Paraná, Brasil, CEP. 87680-000. josilaineleandro@hotmail.com

Recebido em 09/09/2015. Aceito para publicação em 17/12/2015

RESUMO

O processo do luto sempre será considerado como algo conflituoso e traumático na vida de grande parte dos seres humanos. Segue-se, portanto, que falar sobre esse tema é difícil para a maioria das pessoas por causa do incômodo que invariavelmente causa, pois vem acompanhado sempre da lembrança de um momento angustiante. Quando se trata de crianças, esse processo se torna ainda mais traumático, já que se leva em consideração o fato de que o filho ou a filha se encontra em um processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e psíquico, época em que, mais que nunca, precisa dos pais para garantir sua sobrevivência. Diante disso, este trabalho se propôs a entender, mediante o estudo das teorias já existentes, ou seja, mediante uma pesquisa bibliográfica, como ocorre o processo de luto na infância. O objetivo é entender de que modo a criança vivencia o luto diante da perda de um dos pais, buscando compreender os processos que podem facilitar a elaboração psicológica saudável dessa perda geralmente tão desorganizadora na existência humana, principalmente na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, luto, luto infantil.

ABSTRACT

The grieving process will always be considered a conflicting and traumatic issue in most people's life. It is understandable, therefore, that talking about this topic is tough for the majority of people due to the pain that it invariably causes, once it comes along with a distressing reminder. When it comes to children, this process may be even more traumatic, since it takes into account the fact that the son or daughter is in a process of emotional cognitive development, when the parent's presence is important more than ever in order to ensure its survival. Confronted with this, this academic work proposes to investigate, by studying existing theories (bibliographical research), how the grieving process affects a child's development. The objective is to understand how the child experiences grief when losing a parent, seeking to clarify the processes that can facilitate a healthy psychological elaboration of that kind of loss, usually so disruptive in human existence, especially in childhood.

KEYWORDS: Death, mourning, children's grief.

1. INTRODUÇÃO

A morte é um tema tratado como um tabu por grande

parte das pessoas, pois sempre há certo desconforto quando se fala nesse assunto. Sobre isso, Elias (2001) pontua que existem construções sociais diante do tema da morte, talvez por esse motivo o tema luto ainda seja visto por muitas pessoas com certo receio.

Dessa forma, lidar com o luto é sempre um desafio para aqueles que passam por esse processo e, quando se trata de crianças que vivenciam tal experiência, pode ser ainda mais difícil. Como se sabe, se esse já é um estado de desorganização psíquica para um adulto, quando se refere à criança pode, então, ser mais desorganizador, já que os infantes se encontram ainda em um processo de desenvolvimento psíquico e emocional. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo principal compreender o processo de luto infantil diante da perda de um dos genitores. Para tanto, começa-se por evidenciar como ocorre o processo de luto para a criança, identificando processos que podem contribuir para a elaboração do luto.

Este trabalho deve ser tomado como de natureza predominantemente qualitativa. Consultando Severino (2007) sobre a tipologia das pesquisas científicas, lá se encontra que uma pesquisa é qualitativa quando se destaca por salientar elementos epistemológicos, não levando como principal consideração outros tipos de questões metodológicas.

Diante disso, foi então realizada uma busca bibliográfica, procurando-se livros e artigos científicos enfocando esse sobre o assunto escolhido, o que confere com pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002). Assim, de acordo com o autor, esse tipo de pesquisa permite ao investigador apropriar-se de uma gama de fenômenos mais ampla que alguns outros tipos de pesquisa. Por fim, este trabalho foi feito com base em teorias já existentes, teorias essas que especificamente abordam a compreensão do processo de luto infantil. Além disso, realizou-se uma busca de referencial de literatura na Base de Dados Scielo, utilizando palavras-chave no idioma português, sendo elas: "luto", "luto infantil", "morte", "a criança

diante da morte” e “luto para a criança”.

O presente estudo foi realizado com base nas teorias de autores da abordagem psicanalítica, abordando o seguinte problema de pesquisa: *De que forma a criança vivencia o processo de luto diante da morte de um dos genitores?*

As autoras Franco & Mazorra (2007) abordaram importantes trabalhos a respeito do processo de luto infantil. De acordo com elas, a morte de um dos pais é uma das experiências mais impressionantes na vida de uma criança. Assim, “[...] com os pais, morre também a ilusão narcísica da onipotência infantil em um momento em que ela é necessária como fonte de segurança”. Dessa forma, “[...] com a morte de um genitor, a criança perde o mundo que conhecia. Aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava. Agora seu mundo está enlutado: torna-se difícil lidar com toda a gama de sentimentos que parecem invadi-la com o desmoronamento da família” (FRANCO & MAZORRA, 2007, p. 504).

Deste modo, a partir de trabalhos como os de Franco & Mazorra (2007), surgiu o interesse em aprofundar os estudos neste campo, buscando explicações bibliográficas a respeito de como ocorre à elaboração do luto por parte da criança.

Para tanto, o presente trabalho foi pensado para ser composto por duas partes. A primeira parte se envolve com a discussão teórica que aborda o tema do luto, sendo essa parte dividida em dois momentos. Assim, num primeiro momento será abordada uma visão ampla sobre o luto, bem como seu conceito de acordo com alguns autores. O segundo momento traz o conceito de luto especificamente na infância, no qual fica destacado como o luto é visto pela criança, como ela lida com tal situação, bem como os fatores que podem contribuir no processo de elaboração.

A segunda parte que compõe o trabalho refere-se à conclusão, na qual serão evidenciadas as considerações feitas após a revisão bibliográfica.

Cabe ainda destacar que a importância deste trabalho se dá as contribuições que poderá oferecer às pessoas diante de um tema que é sempre visto com certo receio, muitas vezes por consequência da falta de informação sobre o assunto. Assim, entender o processo de luto na infância e as formas que poderão contribuir na elaboração é fundamental para aqueles que passam ou passaram por esse processo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento de dados foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, na qual foi possível encontrar, na literatura existente, materiais sobre o tema abordado, isto é, luto na infância. Para tanto, foram utilizados livros, artigos científicos disponíveis em bancos de dados como Scielo, revistas eletrônicas, bem como dissertações de

mestrado.

Diante disso, Gil (2002) aponta que esse tipo de pesquisa é constituído a partir de livros e artigos científicos, permitindo assim que o autor se aproprie de uma gama de fenômenos mais ampla do que qualquer outro tipo de pesquisa. Assim, vale acrescentar que este trabalho foi elaborado com base em teorias já existentes, tendo como um de seus objetivos fornecer ao leitor os principais estudos elencados sobre o tema proposto.

3. DISCUSSÃO

Morte e luto

O luto pela perda de uma pessoa amada é a experiência mais universal e, ao mesmo tempo, mais desorganizadora e assustadora que vive o ser humano. O sentido dado à vida é repensado, as relações são refeitas a partir de uma avaliação de seu significado, a identidade pessoal se transforma. Nada mais é como costumava ser. E ainda assim há vida no luto, há esperança de transformação, de recomeço. Porque há um tempo de chegar e um tempo de partir, a vida é feita de pequenos e grandes lutos, através dos quais, o ser humano se dá conta de sua condição de ser mortal.

FRANCO *et al.* (2007)

Freud (1917) fez importantes considerações a respeito do luto. Segundo esse pensador, o luto consiste numa forma como uma pessoa reage diante da perda de alguém com quem se possuía laços afetivos: “Nunca nos ocorre considerar o luto como um estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo” (FREUD, 1917, p. 47).

Conforme afirma Freud (1917), o luto exerce um trabalho no qual se tem a realidade de que o objeto amado deixou de existir e desta forma a libido não mais poderá ser depositada nele. Tal fato não é aceito facilmente pelo homem, pois não é simples para ele depositar essa libido em outro objeto de amor. Além disso, esse processo ocorre de forma gradual. Desse modo, “Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizados e superinvestidas, e nelas se realiza o desligamento da libido” (FREUD, 1917, p. 49).

Então, do ponto de vista freudiano, quando ocorre o luto normal, o indivíduo é capaz de elaborar a perda daquele objeto de amor e, durante esse processo, absorve igualmente as energias do ego. O luto, assim, consiste em um processo normal de se perder um objeto amado, perda a partir da qual a libido não poderá mais ser depositada no mesmo objeto e então esse objeto terá de ser substituído por outro.

Kübler-Ross (1998) também faz algumas considerações a respeito do luto. Segundo a autora, quando vol-

tamos ao tempo e estudamos culturas e povos antigos, podemos perceber que o tema da morte sempre foi evitado pelos seres humanos. Do ponto de vista psiquiátrico, ao se tratar de nossa própria morte, nunca seremos capazes de aceitar que ela seja possível, pois, para o inconsciente, este é um fato que jamais ocorrerá. Dessa forma, a morte somente aconteceria se tivesse alguma relação com acontecimentos malignos ou ainda como um castigo.

Outra autora que realizou estudos sobre o luto foi Kovács (1992), dizendo que a morte sempre nos traz recordações, já que se trata de uma das mais dolorosas perdas. No caso da figura materna, a separação temporária ou definitiva sempre causará algum tipo de angústia. Assim, quando se trata da morte de pessoas com as quais estão estabelecidos os nossos vínculos mais próximos, ou seja, de pai, de mãe, de filho, de irmão, de amigos, entre outros, provavelmente alguém terá uma história a relatar. “A morte do outro se configura com a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (KOVÁCS, 1992, p. 153).

Nesse sentido, ainda segundo a autora, a morte se relaciona diretamente com o rompimento de vínculos. A pessoa que vivencia essa perda retrata a morte como sendo um pedaço de si que lhe fora retirado. O sentimento de perda de um ente querido é extremamente forte, sendo quase remota a possibilidade de encontrar alguém que nunca tenha passado por tal situação dolorosa.

Sobre o sentimento relacionado à morte do outro, Kovács (1992, p. 154) diz:

Ver a perda como fatalidade, ocultar os sentimentos, eliminar a dor, apontar o crescimento possível diante dela, podem ser formas de negar o sentimento que a morte provoca para não sofrer. A expressão de sentimentos nessas ocasiões é fundamental para o desenvolvimento do processo de luto.

Kovács (1992, p. 160) destaca ainda que o modo como a pessoa enlutada se relaciona com o morto influenciará o processo do luto, pois “[...] relacionamentos carregados de hostilidade, ressentimento e mágoa são mais difíceis de serem elaborados”, ou seja, quando o relacionamento com o ente querido é tido como conturbado, a vivência do luto tende a ser mais difícil de ser bem elaborada. Sobre isso, Bee (1997) considera que é inevitável não sofrer diante da perda de uma pessoa com quem se tem algum tipo de vínculo e que o fracasso em vivenciar este sofrimento revela que o indivíduo não passou de forma “adequada” pelo processo do luto.

Os que manifestam sua dor, que “se permitem ao luto”, estão se comportando de uma forma saudável. Aquelas pessoas que não evidenciam imediatamente o sofrimento após uma perda costuma ser aqueles que ainda se mostram deprimidos vários anos após, ao passo que

aqueles que evidenciam um mínimo de sofrimento imediatamente não mostram sinais de problemas posteriores. (BOWLBY E SANDERS 1989 apud BEE, 1997, p. 602).

Cabe pensar, contudo, de acordo com Elias (2001), que o jogo existencial do ser humano, onde a vida e morte se fazem parceiras inseparáveis, é um problema dos vivos e apenas dos vivos humanos, pois, embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, sabem que morrerão.

Diante do exposto acima, foi possível compreender como ocorre o processo do luto e o quanto ele pode ser doloroso e capaz de deixar marcas definitivas em todos os seres humanos diante da perda de uma pessoa com a qual se têm importantes laços afetivos.

Desse modo, após compreendermos o processo do luto de uma forma mais ampla, seguem considerações a respeito de como esse processo acontece na infância.

A criança e o luto

De acordo com Torres (2012), apesar de os estudos sobre o tema da morte terem aumentado nas últimas décadas, é possível perceber que o assunto ainda é pouco abordado no campo da psicologia. Além disso, quando se trata de crianças diante da morte paterna ou materna, percebe-se que há menos pesquisas ainda nesse campo. Sendo assim, pretende-se a seguir abordar os principais estudos realizados pelo campo da psicologia a respeito deste tema. Deste modo, Bee (1997) é uma autora que realiza importantes estudos sobre o significado da morte para a criança.

Assim, segundo essa autora, para as crianças o significado da morte pode ser revertido pela oração, por magia ou pensamento em sua fantasia, fazendo-as sentirem que, mesmo após a morte, é possível ter sensações ou respirar. Além disso, a criança pode encarar a morte como uma punição por ser “mau”. Apenas a partir da idade pré-escolar, conhecida por Piaget como início das operações concretas, que a maioria das crianças parece compreender a morte de forma mais próxima à realidade.

Gauderer (1987 apud ANTON & FAVERO, 2010) também faz considerações sobre esse tema. Suas considerações dizem que crianças com idade anterior a cinco anos acreditam que a morte seja um acontecimento reversível, pois não possuem noção da realidade ou do conceito de morte. Nesses casos, o indicado é tentar explicar, de forma clara, dando exemplos mais concretos possíveis e que de preferência já tenha feito parte de sua vivência, como, por exemplo, um animal de estimação que morreu. Ainda segundo este autor, evitar contar a verdade pode causar consequências, ou seja, abalar a capacidade de estabelecer laço de confiança com a cri-

ança.

É a partir dos oito anos que a criança passa a entender a morte como algo irreversível. É importante entender que, independentemente da idade, deve-se sempre informar a criança sobre o ocorrido, usando uma linguagem adequada para a idade (GAUDERER, 1987 apud ANTON e FAVERO, 2010).

A respeito disso, Torres (1996 apud ANTON & FAVERO, 2010, p. 03) diz que “[...] o diálogo com a criança sobre a morte deve levar em conta sua capacidade compreensiva, de acordo com o período do desenvolvimento, pois dependendo da fase, a criança não compreende a definição de morte da mesma forma que um adulto”.

Sendo assim, no que se refere ao significado da morte para a criança, Kovács (1992) explica que a forma como a criança vivencia o processo do luto é influenciada pela maneira como esse mesmo processo acontece com os adultos, podendo estar relacionado também com as informações que a criança possui a esse respeito. Assim como o adulto, a criança também passa pela fase de negação da morte do outro, isso nela causando a fantasia de que é responsável por essa morte, o que, por vezes, faz com que a criança comece a emitir sintomas parecidos com os da pessoa que morreu.

Sobre isso, Torres (2012) considera que existe uma forte semelhança entre o luto vivenciado pelo adulto e o luto vivenciado pela criança, ou seja, nas duas fases da vida, o modo de reagir a esse processo é bastante peculiar, tanto para um quanto para outro.

A autora acrescenta que há uma separação entre o luto sadio e o luto patológico, ressaltando que o que diferencia os dois não se trata apenas dos sintomas apresentados pela criança, mas também da intensidade com que eles ocorrem. Para tanto, Grollman (1967 apud TORRES, 2012) diz que o luto patológico é observado quando há uma negação prolongada da realidade e quando há uma persistência de distúrbios somáticos, de culpa, de apatia crescente e de insistência de reações hostis em relação aos outros. Desse modo, de acordo com Torres (2012), é muito importante observar não só o comportamento evidenciado pela criança, mas também por quanto tempo esse comportamento persiste.

Após feitas considerações sobre o sentido da morte para a criança, trata-se agora do impacto da morte de um dos pais na vida de uma criança. Desse modo, Torres (2012, p. 126) ressalta que “[...] a maior crise na vida de uma criança é sem dúvida aquela provocada pela morte de um dos pais, pois, a partir daí o mundo nunca mais será o mesmo lugar seguro de antes.” Diante disso, a perda de um dos pais resulta na criança a passagem por aspectos, como: permanecer na fantasia ligada ao progenitor morto; investir a libido em atividades; temer amar outras pessoas; e, por fim, aceitar a perda e encontrar outra pessoa para amar, sendo este último o indício de

que o processo de luto ocorreu de maneira normal. Todavia, quanto esse processo normal não ocorre, é provável que no futuro ocasionem relacionamentos prejudicados pela busca inconsciente de um relacionamento parecido com o que teve com o progenitor morto.

Sobre isso, Torres (2012, p. 126) diz que:

A perda da mãe, por exemplo, no caso do menino mais velho, se percebida como uma rejeição poderá mais tarde levá-lo a romper antecipadamente os relacionamentos com a figura feminina, na tentativa de evitar que as mulheres possam fazer com ele o mesmo que sua mãe fez. Já a morte do pai, e, portanto, a perda de um modelo, poderá trazer dificuldades na construção de sua autoimagem e na conquista de sua identidade.

De acordo com a autora, a maneira como irá se desenvolver o processo do luto na criança é influenciado, além de outros fatores já mencionados, pelo que lhe é dito, como é dito, como o genitor sobrevivente reage, e como espera que a criança reaja. Vale, portanto, acrescentar que o modo como a criança vivencia o processo de luto depende também do auxílio que o pai sobrevivente poderá fornecer diante da situação da perda. Além disso, o comportamento desse pai influenciará na maneira como a criança elabora o processo do luto.

Franco e Mazorra (2007) também fazem importantes estudos sobre o luto infantil. Com seus estudos, elas constataram que a morte de um dos pais é uma das experiências mais impressionantes na vida de uma criança, ou seja, “[...] diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação, a criança se depara com profundos sentimentos de desamparo e impotência” (FRANCO E MAZORRA, 2007, p. 504). Todos esses sentimentos vivenciados pela criança são resultado de uma insegurança que prevalece diante da perda de seu objeto de amor.

Diante disso, as autoras destacam um estudo feito por Torres (1999) e que aponta que apenas após a aquisição de um pensamento cognitivo concreto a criança é capaz de compreender a irreversibilidade da morte. Sendo assim, a autora pontua que a ausência dessa capacidade cognitiva em compreender a morte como um fato irreversível dificulta o processo de elaboração da perda.

Dessa forma, a criança encontra dificuldades para elaborar a perda de um objeto de amor, isto é, ela ainda é dependente desse objeto, pois ainda está vivenciando seu processo de desenvolvimento psíquico, bem como ainda necessita do outro que possa garantir sua sobrevivência física e seu desenvolvimento emocional (SCALOZUB, 1998 apud FRANCO & MAZORRA, 2007).

Em função de sua maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda, a elaboração do luto vivido pela criança é processada ao longo da estruturação psíquica, em distintos momentos de sua vida, à medida que ela vai podendo significar o que viveu. O luto pode ser reativado, também, ao longo da vida, ao encontrar

ressonância com conflitos do futuro desenvolvimento. (FRANCO & MAZORRA, 2007, p. 505).

Assim, a criança se encontra em um processo de estruturação da personalidade, portanto cabe dizer que possui um modo próprio de elaboração do luto, ou seja, em alguns aspectos, a criança vivencia o luto de forma diferente do modo adulto. Sendo assim, ela é capaz de elaborar o luto, porém ela o faz com suas características peculiares.

As autoras ressaltam que a forma de elaboração do luto por parte da criança também está relacionada com fatores externos, como, por exemplo, relação com a pessoa perdida, circunstância em que a perda ocorreu, informação recebida pela criança, tipo de morte, estressores e mudanças no cotidiano da criança. Assim, a elaboração do luto na criança “[...] está em estreita relação com a possibilidade de elaboração do genitor sobrevivente e do restante da família” (FRANCO & MAZORRA, 2007, p. 505).

Sobre isso, Torres (2012) fez algumas considerações que podem contribuir no enfrentamento do processo do luto infantil, sendo elas: promover a comunicação aberta e segura dentro da família, informando a criança sobre o que aconteceu; garantir que terão o tempo necessário para elaborar o luto, e que terão um ouvinte compreensivo toda vez que expressarem saudade, tristeza, culpa e raiva; e, finalmente, no caso da morte de um dos pais, assegurar-lhes que continuarão tendo proteção, pois não é incomum que a criança tenha medo de perder o pai sobrevivente e de que a morte venha buscá-la também. Desse modo, “[...] esta garantia de segurança será facilitada quando a criança tiver tido um relacionamento seguro com os pais antes da perda” (TORRES, 2012, p. 127).

A autora destaca ainda que é importante, diante dessas medidas por ela descritas, considerar se as curiosidades da criança com relação à morte tiveram os devidos esclarecimentos com a família antes da perda do/a pai/mãe acontecer. Assim, se tais curiosidades foram bem atendidas em tempo hábil, então será mais fácil para a família dar a notícia da morte. Por outro lado, quando há um silêncio com relação a essas curiosidades, isso pode levar a criança a reprimir seus sentimentos diante da notícia da morte. Além disso, reprimir sentimentos poderá repercutir em distúrbios de comportamento e, ainda, uma dificuldade em lidar com conflitos, tanto externos, como internos. Diante disso, “[...] a perda na infância pode tornar a pessoa mais vulnerável e mais propensa a distúrbios afetivos” (TORRES, 2012, p. 131). Entretanto, nem todas as pessoas que passaram pela perda de um dos pais na infância tornaram-se adultos com conflitos afetivos, o que, mais uma vez, remete à importância da necessidade de um adulto que possa oferecer um suporte adequado para que a criança possa elaborar o luto da forma mais saudável possível. Sobre

isso, Fujisaka (2009) também faz algumas considerações que contribuem no entendimento do processo do luto infantil.

Segundo essa pensadora, um fato importante a ser observado diante do luto na infância é quanto à falta de reação emocional por parte da criança diante da morte de um dos genitores. Se ocorrer essa falta de reação, isso pode estar ligado ao fato de ter havido pouca informação oferecida à criança ou, em outros casos, a informação pode ter sido realizada, porém não foi permitido que a criança expressasse seus sentimentos e suas emoções. Além disso, essa deficiência nas informações oferecidas à criança só tem a concorrer para um processo não saudável da elaboração do luto.

O adulto em geral, não só adota a atitude de negar a explicação sobre a morte, como também tenta, muitas vezes, afastá-la “magicamente”. Com esse procedimento, procura minimizar o significado que a morte pode ter como uma força ativa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Entretanto, essa negação ou este silêncio em torno da morte em nada ajudam no desenvolvimento da criança. Ao contrário, quando se tenta manter esta atitude geral de negação, o crescimento da criança é prejudicado. (TORRES, apud FERREIRA; SILVA; OLIVEIRA; CARVALHO; 2011, p. 6).

Diante disso, Fujisaka (2009) diz que é extremamente importante que a criança possa contar com o apoio dos adultos mais próximos, e que estes tenham uma comunicação aberta com ela, fornecendo segurança para que ela seja capaz de expressar suas emoções. Além disso, a autora acrescenta que é importante que a criança participe dos rituais que envolvem o luto, isto é, o velório e o enterro.

Sobre isso, a psicóloga Luciana Mazorra do Instituto Quatro Estações, fundado em 1998 por psicólogos da PUC/SP, em um de seus textos a respeito do luto infantil, pontua sobre como ajudar a criança a lidar com a morte. De acordo com a autora, a informação sobre a morte deve ser dada por uma pessoa próxima, que se permita expressar suas próprias emoções, bem como possa explicar tudo o que ocorrerá após o velório e o funeral.

Desse modo, a autora ressalta que é importante esclarecer todas as dúvidas da criança, levando em consideração sua capacidade cognitiva em entender, pois devem ser evitadas possíveis fantasias de que o falecido poderá “voltar” ou que a criança se sinta culpada pela morte.

Dessa forma, é relevante elencar o fato de o adulto próximo mostre suas emoções diante da morte, ou seja, é preciso que os adultos se expressem para que a criança se sinta à vontade para fazer o mesmo, pois este é um fator considerável na elaboração do luto. Além disso, ainda que a criança seja incapaz de compreender o que está acontecendo, é necessário compartilhar as emoções

com ela, pois, mesmo que sentimentos de tristeza predominem naquele momento, a criança precisa se sentir amada (MAZORRA, INSTITUTO QUATRO ESTACÕES).

Sobre isso, Walsh e McGoldrick (1998 apud FUJISAKA, 2009, p. 45) afirmam que “A criança precisa de uma atenção especial neste momento de sua vida e que o trauma da perda não é o mais marcante, mas sim a falta que a pessoa perdida fará em sua vida”. Assim, para Fujisaka (2009), as dificuldades a serem enfrentadas pela criança após a perda de um dos pais serão influenciadas pela maneira como o pai sobrevivente e a família irão lidar com a situação.

Dessa forma, o processo de luto não é algo que transcorra em um curto período de tempo, bem como não acontece de maneira fácil, pois requer uma elaboração complexa, causadora de sofrimento, pois “[...] desvincular-se de quem se ama é muito doloroso” (FERREIRA; SILVA; OLIVEIRA; CARVALHO; 2011, p. 7).

A partir dos estudos elaborados por Franco e Mazorra (2007) foi possível observar que, dentre todas as emoções vivenciadas pela criança diante da perda de um dos genitores, o sentimento de desamparo, aparentemente, é aquele que predomina diante de tal situação. Além disso, gera na criança um sentimento ameaçador de sua sobrevivência física e emocional. Diante disso, as autoras acrescentam que esses sentimentos se tornam ainda mais graves, pois,

Além de perder um dos genitores perde também a situação familiar anterior, pois a família necessita reorganizar-se após a perda de um de seus membros. Além disso, o genitor sobrevivente ou responsável, em razão do vínculo com o falecido, está também muito mobilizado com a morte, o que acarreta uma dupla perda para a criança e uma maior sensação de desamparo. (FRANCO & MAZORRA, 2007, p. 508).

As autoras concluem, diante da situação de luto vivenciada pela criança, que a possibilidade de elaboração por ela está interligada com a elaboração do luto que a família está passando, já que a criança está inserida nesse quadro de desorganização familiar causado pela morte. Assim, entende-se que, para se trabalhar com a elaboração do luto infantil, é preciso também intervir junto à família.

Assim como Franco e Mazorra (2007), Ferreira; Silva; Oliveira & Carvalho (2011) consideram que a dificuldade da criança em elaborar o luto está também relacionada com as circunstâncias em que ocorreu a morte, a reestruturação familiar e o que foi dito a respeito da morte. Além disso, esses autores ressaltam que é através da elaboração do luto que ocorrerá a reorganização psíquica e afetiva após a perda. Sendo assim, cada criança possui um modo subjetivo para vivenciar esse processo.

Por fim, é importante destacar, diante deste processo do luto infantil, que cada criança reage de um modo, por

isso se faz necessário levar sempre em consideração o vínculo com o genitor, o que foi lhe informado sobre a morte, as características do desenvolvimento cognitivo e emocional. Dito isso, sabe-se que a morte é algo natural e faz parte do ciclo vital, mas não é sentida de tal forma, pois existem maneiras peculiares de se lidar com esse evento, além de possuir características distintas em cada fase do desenvolvimento humano, como no caso das crianças.

4. CONCLUSÃO

O processo do luto sempre será algo difícil para os que passam pela perda de um objeto amado. Para a maioria das pessoas, a morte de alguém que se ama será sempre a morte de uma parte de nós mesmos, pois, de acordo com os estudos realizados por autores como Kovács (1992), é essa a sensação que se tem diante de tal acontecimento.

Sendo assim, foi possível perceber que a morte de alguém com quem se tem importantes laços afetivos é um dos acontecimentos que mais desorganiza o psíquico de um ser humano. Na visão de Freud, entre as principais dificuldades diante da morte do outro, aceitar a realidade da perda de seu objeto de amor, no qual não poderá mais fazer investimentos libidinais, e ainda se deparar com a situação de ter que depositar essa libido em outro objeto, se coloca como as mais difíceis tarefas a serem aceitas. Todavia, apesar das dificuldades, trata-se um processo que, na maioria das vezes, pode ser superado pouco a pouco.

Quanto ao objetivo desta pesquisa de entender como a criança vivencia o processo do luto, foi possível entender, com os dados e as informações obtidos, que cada criança lida e elabora a perda de diversas formas. Algumas se calam, outras manifestam sua dor, outras questionam o sentido da morte antes de expressar qualquer tipo de emoção. Além disso, de acordo com estudos elaborados por Anton & Favero (2010), a idade da criança influenciará na maneira como ela vê a morte, pois algumas delas ainda não conseguem entender a morte como algo irreversível. Sendo assim, é de grande importância dialogar com a criança sobre esse tema, bem como esclarecer as dúvidas pertinentes à faixa etária em que ela se encontra.

Foi possível concluir também que esse processo do luto é bastante conflituoso e traumático para a criança, pois ela ainda se encontra em estágio humano de desenvolvimento cognitivo e emocional. Sendo assim, perder esse genitor, que até então era considerado sua fonte de segurança e proteção, traz para a criança intensos sentimentos, entre eles o de culpa, de raiva, de abandono e ainda de negação da perda, pois um relacionamento entre pais e filhos sempre envolve todos esses sentimentos conflitantes. Vale acrescentar que, diante dessa negação por parte da criança, é preciso observar sua temporali-

dade, pois, em alguns casos, esse luto pode estar sendo vivenciado de forma patológica, isto é, devem ser observados não somente os comportamentos expostos pela criança, mas também há quanto tempo eles estão persistindo.

Assim, é preciso enfatizar que a perda dos pais, de qualquer um deles, sempre se configura como uma das maiores crises da vida da criança, pois os pais são aqueles que irão garantir a sua sobrevivência, tanto física quanto emocional e psíquica. Sendo assim, perder um desses pais seria, provavelmente, perder essa garantia existencial, ou seja, é muito difícil para a criança aceitar a perda de um objeto de amor do qual ela ainda depende para sua sobrevivência.

Diante disso, é essencial para a criança que ela possa contar com um adulto capaz de dar a ela a certeza de que não está só e de que a sua existência não está ameaçada. O genitor vivo deve favorecer um ambiente em que a criança possa expressar seus sentimentos, no qual ela também sinta a segurança de que é amada. Para tanto, é de grande valia que o genitor vivo mostre seus sofrimentos para a criança, não escondendo seu sofrimento diante da morte, para que também ela se sinta confortável em demonstrar o que sente. Estudos feitos por Franco & Mazorra (2007) apontam que a elaboração do luto por parte da criança irá depender também da maneira como o adulto próximo vivencia tal processo. Por isso, é importante frisar que o genitor sobrevivente mostre a sua dor, expresse o seu luto, para que a criança partilhe essa dor e sentir-se à vontade para fazer o mesmo.

O que se espera, então, é que esse trabalho de pesquisa tenha trazido informações e discussões pertinentes ao luto infantil quando da morte de um dos genitores. Assim os leitores saberão agora, caso se defrontem com essa realidade, entender como a criança vivencia o processo de luto diante da perda de um dos pais e, além disso, identificar os fatores que podem dificultar a aceitação da perda do objeto de amor, e ainda os processos facilitadores da melhor elaboração psicológica do luto. Desse modo, vale destacar a importância de um adulto que possa assegurar que a criança não se sinta abandonada, respeitando sempre sua capacidade de elaboração psíquica.

REFERÊNCIAS

- Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos. 2011.
- [05] FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12.* Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. (Trabalho original publicado em 1917).
- [06] FRANCO, M.H.P e MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de psicologia. (Campinas)* [online]. 2007, vol. 24, n. 4, pp. 503-511. [acesso em 18/03/2015] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2007000400009&script=ci_abstract&tlng=pt.
- [07] FUJISAKA, A.P. Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância. São Paulo, 2009. [Acesso em: 24/03/2015]. Disponível em: [file:///C:/Users/Downloads/Mestrado_Fujisaka%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Downloads/Mestrado_Fujisaka%20(2).pdf)
- [08] GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª. ed. São Paulo, Atlas, 2002.
- [09] KÜBLER-ROSS. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos, e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [10] KOVÁCS, M.J. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- [11] TORRES, W.C. A criança diante da morte: desafios. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- [12] TORRES, W.C. A criança diante da morte: desafios. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- [13] MAZORRA, L. Como Ajudar a criança a lidar com o luto. Quatro Estações – Instituto de Psicologia. [s.d]. [acesso em: 13/6/2015]. Disponível em: http://www.4estacoes.com/pdf/como_ajud_crianca.pdf.
- [14] SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- [01] ANTON, M.C e FAVERO, E. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos. [Acesso em 20/5/2014]. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewArticle/16992>.
- [02] BEE, H. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- [03] ELIAS, N. A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- [04] FERREIRA, J. B. A.; SILVA, S. A.; OLIVEIRA, P. A.; CARVALHO, E. L. L. Perda e luto na infância: o desvenculo e suas consequências na formação do psiquismo.